

DA EXPERIÊNCIA URBANA À CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS LUGARES

ISABEL PATO E SILVA¹

Resumo – Neste artigo expõe-se um estudo exploratório realizado no âmbito do projecto de doutoramento da autora, levado a cabo nas periferias das metrópoles de Lisboa e Bordéus. Apresenta-se sumariamente a metodologia aplicada para estudar a experiência urbana de um grupo de estudantes de uma escola de Santo Adrião (na periferia da metrópole de Lisboa) explorando as interconexões entre esta experiência e a identidade dos lugares que configuram os seus espaços de vida.

A natureza exploratória deste estudo é dupla. Por um lado, decorre da necessidade de testar o esquema metodológico desenhado para aferir a experiência urbana dos jovens, que articula duas técnicas: *photo elicitation* e *focus group*. Por outro lado, advém da necessidade de encontrar ferramentas conceptuais que permitam analisar a experiência urbana dos jovens, integrando-a na dialéctica da identidade sócio espacial dos lugares e identidade dos sujeitos.

Os resultados deste estudo permitem sublinhar três eixos de reflexão: o primeiro, ligado à importância do imaginário e do simbólico na dialéctica experiência urbana e efeito de lugar que se inscreve nos processos de construção identitária dos jovens; o segundo relativo à existência de uma vida urbana segregada definida a partir das práticas; o terceiro ligado ao destaque dado à violência urbana no discurso dos jovens sobre a sua experiência urbana.

Palavras-chave: Segregação/fragmentação socioespacial, identidade, espaço de vida, espaço vivido, representações, práticas, estratégias, violência urbana, jovens.

Abstract – FROM THE URBAN EXPERIENCE TO THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF PLACE. The materials discussed in this article are part of an exploratory study developed in the context of a PhD research project carried out in the outlying areas of two south European metropolises: Lisbon and Bordeaux. We briefly present the methodology applied, which seeks to uncover and analyse the representations, the urban practices and the identity strategies (the urban experience) of a group of young students from *Santo Adrião* (in the periphery of the metropolis of Lisbon). The study also investigates the relation between urban experiences and the identity of the places appropriated by them.

¹ Investigadora do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. Email: isabelpato@ceg.pt

The exploratory nature of this study is twofold. Firstly it tests the methodological relevance of *photo elicitation* and a *focus group* to gather the youths' urban experiences. Secondly there is the necessity to find conceptual tools adapted to the analysis of their urban experiences, integrating it in the dialectic between socio-spatial identity of the places and the identity of the subjects.

Three axes on which to base our reflection emerge from the study results: first, the importance of the imaginary and the symbolic in the dialectic between the urban experience and the effect of place inscribed in the construction of the young persons' identities; secondly, the existence of a segregated urban life defined by practices; and, finally, the prominent role of urban violence in these young people's discourses about their urban experiences.

Key words: Socio-spatial segregation/fragmentation, identity, living space, lived space, representations, practices, strategies, urban violence, young people.

Résumé – DE L'EXPÉRIENCE URBAINE À LA CONSTRUCTION IDENTITAIRE DES LIEUX. On présente quelques résultats d'une étude réalisée dans le cadre d'une recherche de doctorat sur la périphérie de deux métropoles: Lisbonne et Bordeaux. On présente d'abord sommairement la méthodologie appliquée dans une étude où on a essayé de montrer les représentations, les pratiques urbaines et les stratégies identitaires (c'est-à-dire l'expérience urbaine) d'un groupe d'étudiants de *Santo Adrião*, dans la périphérie de Lisbonne, ainsi que sa relation avec l'identité des lieux dont ces jeunes s'approprient.

Ce texte a une double nature exploratoire. Il met d'une part en évidence la nécessité de tester une méthodologie précise portant sur l'expérience urbaine des jeunes, en considérant la manière dont ils voient et habitent leur lieu de vie et leur espace vécu, en articulant à cet effet deux techniques: la *photo elicitation* et le *focus group*. Il montre d'autre part la nécessité de trouver des outils conceptuels permettant d'analyser l'expérience urbaine des jeunes et d'intégrer celle-ci à la dialectique entre identité socio-spatiale des lieux et identité des sujets.

Les résultats de l'étude suggèrent trois axes de réflexion: 1 – l'importance de l'imaginaire et du symbolique dans la dialectique entre expérience urbaine et effet de lieu, qui contribue à la construction identitaire des jeunes; 2 – l'existence d'une vie urbaine ségréguée, définie à partir des pratiques; 3 – la prééminence que les jeunes donnent à la violence dans leur discours concernant leur expérience urbaine.

Mots-clés: Ségrégation/fragmentation socio-spatiale, identité, lieu de vie, espace vécu, représentations, pratiques, stratégies, violence urbaine, jeunes.

...mas há gente que tem medo de vir para a P. por exemplo por causa do B., consideram que as pessoas do B. são bandidos, eu não tenho nada contra eles

Eu conheço pessoas que vêm cá à P. e acham que a P. é um sítio perigoso, entre aspas...

Perigoso?

Sim perigoso

Eu também acho

Excertos de entrevistas do focus group

I. INTRODUÇÃO

As questões que estão na base do estudo exploratório² que aqui se apresenta inscrevem-se na problemática da segregação/fragmentação socioespacial, nomeadamente no que se refere às interferências do padrão de segregação de populações socioeconomicamente desfavorecidas nas múltiplas dimensões da vida individual e colectiva.

Em Portugal alguns estudos (Barata Salgueiro *et al.*, 1997; Barata Salgueiro, 2000; Capucha, 2000) têm demonstrado que a marginalização social está relacionada com o uso do espaço urbano. A política e o mercado de habitação têm contribuído para relegar as populações mais desfavorecidas para áreas pouco atractivas ao investimento, designadamente pelas suas características de perifericidade face à estrutura urbana em matéria de transportes, de acessibilidade, de equipamentos, de limpeza, de qualidade de habitação, etc.

Na metrópole de Lisboa, de acordo com um estudo levado a cabo por Barata Salgueiro *et al.* (1997), existe no entanto um baixo nível de segregação social, associado a uma maior miscigenação social interna, quando comparada com outras metrópoles, designadamente da Europa Central. Malheiros (2002) explica o facto de as cidades do sul apresentarem uma mais limitada segregação socio-étnica e funcional, referindo-se ao tardio desenvolvimento do capitalismo industrial e de uma cultura formal de planeamento urbano.

No entanto, apesar deste mais fraco nível de segregação, Barata Salgueiro alerta para a existência de uma «nova fragmentação social dos territórios [que] responde a uma diferenciação social dos indivíduos e grupos mais complexa que nem sempre é hierárquica, porque baseada num leque mais amplo de factores de estratificação (...)». A esta fragmentação, a autora opõe a «segregação de raiz social [mais] hierárquica, [tradutora de um] escalonamento social baseado na divisão tradicional de classes (...)» (Barata Salgueiro, 2001: 186).

No âmbito desta problemática, neste estudo parte-se da hipótese de que as práticas, as representações e as estratégias identitárias que os jovens, na sua condição de sujeito em formação, descrevem, formulam e adoptam são reveladoras e simultaneamente modeladoras do seu processo de construção identitária. Exploram-se as representações que jovens não residentes em bairros conotados como desfavorecidos e/ou problemáticos constroem sobre o espaço que configura a sua experiência urbana. A natureza destas representações revela que a violência urbana pode ser entendida como um elemento fundamental da identidade dos lugares.

A experiência urbana produz-se em espaços concretos mas de contornos fluidos. Esta experiência configura os “espaços de vida”, mas nela reflectem-se também as representações formuladas sobre o(s) outro(s), pessoas e luga-

² Estudo integrado no âmbito da bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

res, e as estratégias identitárias adoptadas para a apresentação do “eu-nós”. A experiência urbana define-se deste modo na relação dialéctica interior/exterior, através de elementos e processos de auto inscrição/exclusão territorial e/ou grupal que se definem no confronto com a identidade socioespacial que é atribuída aos lugares.

Para explorar a relação dialectical entre a identidade dos sujeitos e a identidade dos lugares recorre-se ao conceito de efeito de lugar que se associa à singularidade dos lugares. O efeito de lugar está associado a uma espacialidade concreta e é tanto maior quanto mais forte a identidade socioespacial. Na definição da sua experiência urbana os jovens negoceiam e imprimem a sua acção – face ao(s) outro(s), pessoas e lugares – e deste modo contribuem para acentuar ou reconstruir a sua própria identidade e a identidade dos lugares apropriados.

Para Harvey (1973) o processo de formação do lugar envolve o entalhamento de permanências que resultam em contingências. Desta forma, em consequência da ocupação exclusiva de um espaço por um tempo, o lugar assume um duplo significado: o de localização (posição) e o de entidade ou permanência construída dentro de um processo social. Na visão do autor, o lugar pode também ser compreendido como um *locus* de imaginários, como institucionalizações, configurações de relações sociais, práticas materiais, formas de poder e elementos de discurso. Deste modo, ao investirem os lugares com a permanência necessária, os seres humanos individual e colectivamente transformam-nos em *loci* de poder social institucionalizado.

Por seu lado Soja (1989: 158-59) recorre à noção de espacialidade concebida como um produto social, parte de uma “segunda natureza”, simultaneamente meio e produto da acção e da relação social. Para o autor, a estruturação sociotemporal define como é que a acção e a relação social se concretizam num processo carregado de forças contraditórias, que decorrem em primeiro lugar do próprio espaço como resultado/encarnação/produto e meio/pressuposto/produtor da actividade social. Nesta óptica, a espacialidade concreta constitui uma arena competitiva de forças actuando na reprodução social e a vida temporal e social está assente na contingência espacial. Neste jogo de forças, as interconexões materialistas da História e Geografia actuam em conjunto sem uma inerente priorização de uma sobre a outra.

Deste ponto de vista, o espaço preexistente a uma acção ou uma série de acções, constitui uma materialidade potenciadora das ocorrências da espacialidade e, simetricamente, cada acção que se desenvolve sobre uma espacialidade concreta inscreve e enriquece uma configuração espacial preexistente (Lussault, 2003). Para este autor, «cada actor, entendido enquanto instância em acção sobre o espaço, traça uma espacialidade própria, específica, construída na acção e que articula *agenciamentos* espaciais variados num *agenciamento* englobante»³. Para cada actor individual este *agenciamento* englobante manifesta a sua forma de

³ Itálicos nossos.

“habitar” e constitui, enquanto configuração espacial estabilizada, interiorizada e vivida, o seu “habitat”⁴.

Numa fase ainda exploratória desta pesquisa, para descortinar a espacialidade concreta dos jovens através das suas práticas, a grande preocupação residiu em encontrar um método de recolha e análise que permitisse, na linha de Lefebvre, a definição e interpretação simultânea do espaço percebido (o espaço da prática material), do espaço concebido (as representações do espaço) e do espaço vivido (o espaço representacional). A adopção desta perspectiva decorre da constatação de que na espacialização da experiência urbana dos jovens entrevistados jogam elementos subjectivos que articulam o real e o imaginário, elementos que estruturam um *agenciamento* mais ou menos consciente. Para interpretar esta experiência situada no tempo e no espaço, mobilizam-se os conceitos de *espaço de vida* e *espaço vivido* inscritos na dialéctica de Soja (2000: 11) que define a existência de um *terceiro espaço*. Um espaço “real-imaginado” que, integrando o *espaço de vida* e espaço das representações cognitivas, é «simultaneamente real e imaginado, actual e virtual, *locus* da experiência e acção estruturada individual e colectiva». Para o conhecer torna-se necessário compreender as relações que se estabelecem entre os *espaço de vida* e o *espaço vivido* dos jovens, que se visa descortinar através da experiência urbana inscrita numa estruturação espaço-tempo concreta. Esta análise envolve a mobilização de métodos apropriados à indagação de representações, estratégias e acções estabelecidas pelos sujeitos com as estruturas e processo social.

II. APREENSÃO DO ESPAÇO DE VIDA E ESPAÇO VIVIDO

Trabalhou-se inicialmente com um grupo de quinze jovens a quem se pediu que registassem (utilizando máquinas fotográficas descartáveis) e posteriormente comentassem uma série de fotografias ilustrativas dos espaços públicos nos quais se desenvolve o seu dia-a-dia, técnica conhecida na literatura anglo-saxónica como *photo elicitation*. Para a clarificação do protocolo mobilizou-se o conceito de “rotina” (diária ou semanal), entendido como um conjunto de práticas que se repetem e se associam aos espaços que se percorrem e/ou onde se permanece regularmente. O uso desta técnica permitiu conhecer, para além dos lugares e práticas concretas, a forma como o jovem (se) vê (n) o seu espaço de vida, os mundos vividos interiores e exteriores (Pato e Silva, 2006).

Os participantes neste estudo integram-se numa turma do 9.º ano de escolaridade com quinze alunos entre os 14 e os 18 anos. Sete são de origem afri-

⁴ O autor refere-se a *opérateur*, conceito cujo significado é remetido na mesma obra para o de *actant*, definido sumariamente como «(...) tout entité définissable et distinguable qui participe à la dynamique et à l'organisation d'une action individuelle ou/et collective, qui est active dans un processus social, qui opère des actes»: 38.

cana e uma de origem indiana. Dos restantes sete, dois residem na metrópole de Lisboa há menos de 2 anos. O número de jovens que beneficiam de SASE⁵ é de dez. Entre eles, seis habitam com pai e mãe, vivendo os restantes em famílias monoparentais ou com outro elemento da família (avó, tia ou irmãos). Cinco encontram-se há vários anos em situação de iminente abandono escolar.

Todos os jovens residem no concelho de Odivelas: sete no centro de Odivelas, um na Flamenga, um na Ramada, dois no Olival de Basto, dois nos Pedernais e três em Santo Adrião (fig. 1). A escola é assim um lugar de confluência, encontro e sociabilidade entre jovens que descrevem a sua experiência urbana numa rede de lugares mais vasta.

A literatura sobre a aplicação da técnica de *photo elicitation* enfatiza o facto de esta permitir a redefinição da relação clássica entre o investigador e o entrevistado, facilitando a relação ao colocar o investigador essencialmente numa posição de ouvinte. Quando a imagem é trazida pelo participante a redução das assimetrias entre o investigador e o entrevistado é ainda maior, sendo o participante convidado a ter um papel de liderança na entrevista e a fazer uso da sua própria experiência. No caso concreto em análise foi possível corroborar esta linha de força. De facto, ainda que alguns jovens, por motivos diversos, não tenham utilizado todas as fotografias disponíveis no aparelho fotográfico disponibilizado, verificou-se sistematicamente um forte envolvimento na fase de exposição e interpretação das imagens.

Verificou-se também entre os jovens uma grande diversidade na dialéctica estabelecida entre a imagem e o discurso. Se para alguns existe uma continuidade entre a intenção que motivou o registo de uma imagem e a *impressão* (no sentido de Goffman 1993 [1959]) que prevalece na apresentação da sua experiência urbana, para outros o discurso é *curto-circuitado* por uma *impressão* (re)elaborada antes ou no momento da entrevista. Este facto chama a atenção para o risco de que, tanto a captação das imagens, como a sua apresentação e interpretação, não retratar(em) a realidade vivida. Este risco, frequentemente tornado facto, remete o processo de inquirição desenvolvido para a dialéctica entre o real e o imaginário, correspondendo a experiência urbana revelada a um *imaginário contextualizado* (Pato e Silva, 2006). Ao retratarem as práticas, alguns dos jovens evocam através do discurso sobre o seu *espaço vivido* desejos e aspirações ou projectos de construção identitária, recorrendo a lugares simbólicos cuja apropriação os auto-projecta para uma outra identidade.

Dois casos são emblemáticos desta projecção. O primeiro refere-se ao da *Red Angel* que apresentou como o seu *espaço de vida* precisamente os mesmos lugares que configuram o *espaço de vida* da amiga com quem estabelece relações afectivas mais próximas dentro do *grupo* turma. Com esta estratégia a *Red*

⁵ Serviço de Acção Social Escolar, através do qual o Estado comparticipa as despesas de educação das famílias.

Angel revela simultaneamente duas intenções implicitamente inscritas no seu discurso: o facto de não se sentir bem na família (desestruturada por problemas de toxicodependência associados a situações de doença e criminalidade) e no lugar onde habita, e o facto de conceber como modelo de vida alternativo aquele que é vivenciado pela *Pink Angel*. No seu discurso individual e em grupo a *Red Angel* fala de Santo Adrião, onde vive a amiga, e não de Odivelas, onde reside, como o seu *espaço de vida*.

Um outro exemplo é o do *Egídio* que apresentou imagens do Jardim do Campo Grande e do Parque das Nações, apesar de reconhecer que estes lugares não integram o seu *espaço de vida* quotidiano. Estes registos reflectem o desejo de afirmação de um *espaço de vida* no qual se inscrevem lugares conotados como “centrais”. Por outro lado, a ideia de que a escolha dos lugares registados não é neutra é reforçada pelo facto de na imagem registada no Campo Grande o *Egídio* se ter feito registar na companhia de um *pit-bull* e respectivo dono, reafirmando assim o forte poder simbólico que os cães de fila exercem sobre alguns jovens da periferia, nomeadamente nalgumas áreas dos concelhos de Odivelas e Loures, onde se realizam lutas de cães.

Posteriormente à aplicação da técnica atrás descrita, foi realizado um *focus group*, seguindo-se os procedimentos propostos por Krueger *et al.* (2000) e Malekoff (1997) relativamente aos procedimentos a respeitar na aplicação desta metodologia a grupos de jovens. Com o *focus group* visaram-se dois objectivos: aprofundar uma problemática que emergiu da análise dos discursos individuais – a violência urbana –; e testar a consistência dos discursos individuais e conhecer o discurso elaborado em grupo sobre os espaços do quotidiano.

A sequência metodológica seguida conduziu à exclusão dos conteúdos da entrevista individual de quatro elementos do grupo turma: um deles pelo facto de não ter participado no *focus group*, três por terem revelado um grande distanciamento entre os universos do seu *espaço vivido* e o tema proposto para debate. Registe-se o facto de todos os jovens excluídos da análise serem raparigas com idade inferior a quinze anos. A aplicação desta técnica permitiu ainda observar o recurso a uma estratégia de invisibilidade por parte da *Afrodite* que, frequentadora de áreas associadas a situações de violência, se demarcou da discussão do tema ao longo de toda a sessão.

É interessante registar ainda que, enquanto as hipotéticas explicações do fenómeno, no decorrer da conversa livre, se centraram essencialmente em torno de causas como “a procura de fama”, a “necessidade de afirmação”, a “influência dos filmes americanos”, ou ainda as “damas”, as explicações elaboradas na fase das questões de síntese correspondem a causas mais complexas formuladas a partir de referências às condições de materialidade e relacionadas com “desigualdades socioeconómicas”, “racismo”, associação entre as condições de (sobre)vivência e o tipo de habitação, entre práticas delinquentes por partes de grupos e etiquetagem de territórios, ou ainda o medo.

A discordância entre as posições assumidas por alguns jovens no seu discurso individual e a visão compreensiva e geradora de alteridade que

assumiram em grupo, sublinha a importância de equacionar a natureza dos processos de (re)construção identitária inerentes aos sujeitos. Como refere Pais (2004) seguindo Maffesoli (1988), ao invés de uma individuação cimentada no tempo e no espaço, o modo como os jovens se apresentam revela um processo (re)construção identitário que se define através de lógicas de identificação *versus* diferenciação, convergência *versus* divergência, uniformização *versus* diferenciação, processo este que pode dar lugar a uma individualidade frágil.

III. A EMERGÊNCIA DE UMA PROBLEMÁTICA

O fenómeno dos conflitos intergrupais associados à pertença a territórios diferenciados desempenha um papel central no discurso de alguns jovens a propósito da sua experiência urbana.

Ainda que não sejam capazes de definir a espacialização concreta do fenómeno da violência, os jovens elaboram uma rede de espaços de limites imprecisos que permite falar de um efeito de lugar no sentido dado pelos autores da *Geografia Social* (Frémont *et al.* 1984). A espacialização real ou imaginária da violência recorta o território em áreas cuja unicidade integra as representações das condições materiais presentes e da posição intra urbana relativa dos lugares, por um lado, e das representações que se elaboram sobre as relações sociais e afectividades próprias dos seus habitantes, por outro.

Enunciados como *estrilhos*, *desatinos*, ou *lutas*, os actos de violência que estão na base do efeito de lugar interferem não apenas nas representações que se produzem sobre os espaços, mas também nas estratégias identitárias que mobilizam.

«Eu não gosto de falar porque as pessoas ficam com má impressão, ah, ela vai para aqueles bairros e não sei quê, acho que não tem nada a ver, eu vou lá porque também tenho lá primas... Eu não faço as mesmas coisas que eles, vou lá...[A] Mas o que é que eles fazem? [IP] Fazem, fazem porcaria, ... têm conflitos às vezes entre bairros e às vezes entre eles mesmo» [Afródite]

«E que tipo de lutas são essas? [IP] Pedras, paus, mãos, ferros... [LM] Ai é? Isso é mesmo confronto...[IP] É e pois é assim ... coisas mínimas, começam em chatices entre dois e depois aquele chama aquele, o outro chama aqu'loutro e pois já são muitos... Aquilo o Zambujal e as Sapateiras é como o Olival e a Quinta da Várzea» [Lambard Meirelles]

«Por exemplo o Barruncho, Santo António, Barruncho contra Santo António. [RO] (...) e há sempre essa coisa de se tu és do Barruncho ou não? [IP] Cá na Póvoa nem tanto, mas as pessoas de Santo António há... tipo quem é de Santo António não pode entrar no Barruncho, quem é do Barruncho não entra em Santo António» [Rei De Ouros]

«(...) eu nunca vivi isso, moro num sítio mais isolado e não sei quê, mas sei que há, que há conflitos entre os bairros...[R] E como é que isso começa? [IP] Pá, tem a ver com a...sobretudo com as, com as damas, com as mulheres, claramente, as mulheres, e depois é a fama né? cada um quer ser mais famoso que o outro, quer ser ele a dominar, e quando chocam então, quando há alguma coisa que só um pode ter e querem ter os dois...» [Richardson]

Tanto para as autoridades de segurança como para os jovens entrevistados é consensual a ideia de que a violência urbana tem aumentado nos últimos anos. De facto verificou-se um aumento dos crimes registados pelas autoridades policiais portuguesas ao longo da década de 90⁶. No entanto, de acordo com a informação recolhida junto da comandante da divisão da PSP de Loures, nos últimos anos, os índices de criminalidade globais da metrópole de Lisboa baixaram, verificando-se no entanto uma agudização da violência.

A propósito das características no que se refere à violência urbana da área superintendida pelo comando da PSP de Loures, merece referência um estudo realizado em 2005 pelo Comando Metropolitano de Lisboa que escalonou os bairros com elevados níveis de criminalidade de acordo com os graus de perigosidade. A escala de classificação varia entre o Amarelo e o Vermelho. Em parte deste território de actuação existem quatro bairros de nível Vermelho, enquanto por exemplo na Amadora existem dois. Estes valores, algo imprecisos quando não explicitados os critérios de classificação, fornecem, no entanto, uma referência para situar a realidade da violência urbana na área estudada.

De acordo com a mesma fonte em Santo Adrião, nos últimos anos, verificou-se uma diminuição da criminalidade associada à agressão de pessoas (roubos na via pública, furtos e roubos por esticção) que foi contudo acompanhada por um acréscimo da agressão contra bens (furto de veículos, furtos de estabelecimentos comerciais, gasoleiras, bancos...). Trata-se de actos predominantemente grupais, nos quais participam de uma forma crescente indivíduos de origem africana, do Leste europeu e brasileiros, o que revela que a associação entre indivíduos não se pode explicar apenas pela área de residência, sendo a raça ou etnia frequentemente um elemento comum.

As representações da violência urbana associada à actuação dos grupos territorializados afasta-se da definição proposta por Le Guennec (1998 *in* Lebbailly, 2004) para quem a violência urbana designa acções colectivas e organizadas contra instituições (escolas, esquadras, transportes colectivos), embora esta organização tenda a ser frágil e estes actos exercidos sem um programa de reivindicação. No entanto, alguns actos realizados por jovens da área estudada surgem de forma espontânea e podem inscrever-se nesta lógica, nomeadamente o esfaqueamento em série de pneus de carros ocorridos numa só noite.

Os conteúdos dos discursos registados no *focus group* revelam uma faceta da violência urbana que mais directamente afecta os jovens: os roubos ou furtos que, quando oferecida resistência, podem degenerar em agressões à pessoa. Esta concepção, mais próxima da noção de *violentia* do latim, inclui actos de

⁶ Segundo Ferreira (2003), entre 1993 e 2000 registou-se um aumento global de quase 56 mil crimes, o que representa um acréscimo de 18,2%. Para o mesmo autor, a evolução do número de crimes registados foi acompanhada pelo aumento da insegurança relacionada com o receio desse mesmo crime.

agressão ou ataque contra pessoas ou bens não justificados pela legítima defesa e que constituem uma ofensa consciente contra um símbolo, coisa ou pessoa, através do uso da força (Bagur, 1997).

As lutas de cães correspondem a outra forma de violência que emerge nos discursos. Aqui a noção de violência aproxima-se da de incivilidade, isto é, de uma ruptura ou desajustamento com os mecanismos e códigos básicos da comunicação no seio de um grupo, frequentemente ligada à agressividade e visando essencialmente testar os limites do *outro* (Lebbailly, 2004).

Independentemente das representações se formularem individualmente ou em grupo, e das formas de violência urbana focadas pelos jovens, verifica-se que este fenómeno é sistematicamente associado a lugares específicos – *os pontos quentes* –, embora a identificação destes seja vaga. A sua espacialização é essencialmente remetida para os bairros de origem dos grupos. No *focus group* foram referenciados como perigosos onze bairros com graus de perigosidade diversos, verificando-se que esta diferenciação se baseia essencialmente em percepções formuladas à distância.

Em síntese, apesar dos jovens se referirem ao fenómeno da violência urbana associando-o fundamentalmente à actuação de grupos residentes em áreas específicas, tanto o discurso por eles produzido, como o discurso da autoridade de segurança, mostram que os actos que permitem caracterizar esta área em termos de violência urbana ultrapassam os “conflitos de bairro”. Estes conflitos existem e tomam proporções cada vez mais inquietantes⁷. Mas, a área de residência não é o único elemento de agregação dos grupos geradores de violência e a empolação desta variável envolve dimensões que integram elementos reais e imaginários. Nestas representações parecem interferir dois processos. Por um lado, a emergência de uma cultura de violência como forma de separação e diferenciação, associada aos actos de delinquência e agressão protagonizados por jovens (cada vez) mais novos que colocam a ênfase na agressividade e no desafio face ao “outro”⁸. Por outro, o facto de os jovens (que dão maior importância à violência urbana) serem capazes de reconhecer na sua rede de relacionamentos no seio da população estudante jovens alegadamente actantes. Contudo, o conhecimento que os primeiros têm destes últimos nem sempre lhes permite reconhecerem outros elementos da sua identidade, para além da área de residência.

⁷ A título de exemplo, refira-se uma “desforra” entre indivíduos residentes nos bairros da Apelação e Barruncho que terminou com um homicídio.

⁸ A este propósito refira-se que os jovens afrontam as forças da autoridade de várias formas. Pela atitude com que se apresentam em locais públicos, designadamente grandes acontecimentos desportivos, pela mobilização da condição de relativa impunidade que a menoridade faculta, através da apresentação de documentos de familiares ou amigos mais novos e, no domínio da criminalidade, essencialmente pela realização de furtos por iniciativa própria ou a mando. Contudo, paralelamente a esta postura de desafio, alguns factos evidenciam a fragilidade e vulnerabilidade destes grupos. Refira-se a título de exemplo a exibição na escola dos “tesouros” trazidos da praia de Carcavelos no Verão de 2005.

IV. PRÁTICAS SITUADAS E (RE)PRODUÇÕES REPRESENTACIONAIS DE VIOLÊNCIA URBANA

O facto de nenhum dos jovens entrevistados expressar conhecer ou participar nos actos de violência enquanto transgressor, remete-nos para uma análise a partir do exterior e permite colocar duas questões: 1) porque é que o fenómeno dos conflitos intergrupais associados à pertença a territórios diferenciados desempenha um papel central no discurso de alguns destes jovens a propósito da sua experiência urbana? 2) como se explica a emergência de representações diferenciadas face ao fenómeno? Neste ponto procura-se responder a estas questões começando pela segunda.

O conteúdo dos discursos elaborados pelos jovens sobre as suas experiências urbanas a partir da técnica de *photo elicitation* introduz possibilidades analíticas acrescidas quando se cartografam os lugares registados e referidos como praticados. Na figura 1 estão representados os lugares registados e na figura 2 os lugares ditos como praticados, estes últimos discriminados atendendo às suas características sociourbanísticas e funcionais⁹.

Para a elaboração das peças cartográficas referidas, procedeu-se à prévia categorização dos jovens privilegiando, como critério, o conteúdo discursivo recolhido nas entrevistas individuais no que se refere à importância dada ao fenómeno em estudo e sistematizado no quadro I. O facto de não se atender ao conteúdo discurso extraído do *focus group* liga-se com a dificuldade de perceber quais os lugares que são materialmente praticados por cada um dos jovens.

Quadro I – Tipologia de representações da violência urbana.
Table 1 – Urban violence's representations typology.

Efeito de lugar	Intensidade da referência ao fenómeno	Nível de concretização espacial	Natureza da apresentação do fenómeno	Ligações ao fenómeno
Forte	Numerosas	Forte	Totalmente espontânea	Experiência de agressões ou violência; proximidade afectiva de indivíduos envolvidos em conflitos; frequência esporádica dos lugares onde ocorrem conflitos
Moderado	Moderada	Forte	Resposta à inquirição	Frequência regular de lugares onde ocorrem conflitos
Fraco	Fraca ou nenhuma	Nenhum	Resposta à inquirição	Nenhuma ou através dos meios de comunicação

FONTE: Entrevistas individuais - jovens de Santo Adrião, Maio de 2005

⁹ Entre os lugares ditos como praticados os jovens por vezes não integraram os espaços registados, pelo que estamos perante a representação de dois universos geográficos distintos: o da configuração dos lugares registados e o da configuração dos lugares ditos praticados.

A análise dos lugares representados na figura 1 permite verificar que os jovens inscritos na categoria de forte efeito de lugar apresentam uma maior circunscrição do seu *espaço de vida*, ainda que esta tendência inclua algumas exceções. Esta maior circunscrição evidencia-se pelo facto de a maior parte dos registos imagéticos realizados se limitar ao espaço de residência, à escola e ao percurso casa-escola. Pelo contrário, os participantes que apresentam uma maior diversidade de lugares registados são aqueles que mostram dar menor importância ao fenómeno, ou que declaram mesmo desconhecê-lo. Na posição intermédia estão os jovens inscritos na categoria de moderado efeito de lugar. A configuração dos lugares por eles registados é tendencialmente mais diversa face ao grupo globalmente analisado, o que se relaciona, num caso, com a maior mobilidade que envolve o seu quotidiano, associado a uma maior diversidade de práticas e, noutro caso, com o facto de a jovem em causa estabelecer a sua rede de sociabilidades quase exclusivamente em lugares alheios ao seu local de residência.



Fig. 1 – Lugares registados segundo a tipologia de representações de violência urbana.
 Fig. 1 – Places indicated according to the urban violence's representations typology.

Quando analisamos os espaços referidos nas entrevistas individuais como praticados (fig. 2), a maior limitação do *espaço de vida* dos jovens para quem a violência se revela mais central mantém-se ou é mesmo reforçada. No entanto observa-se uma ampliação global dos lugares praticados por todos os jovens. Entre

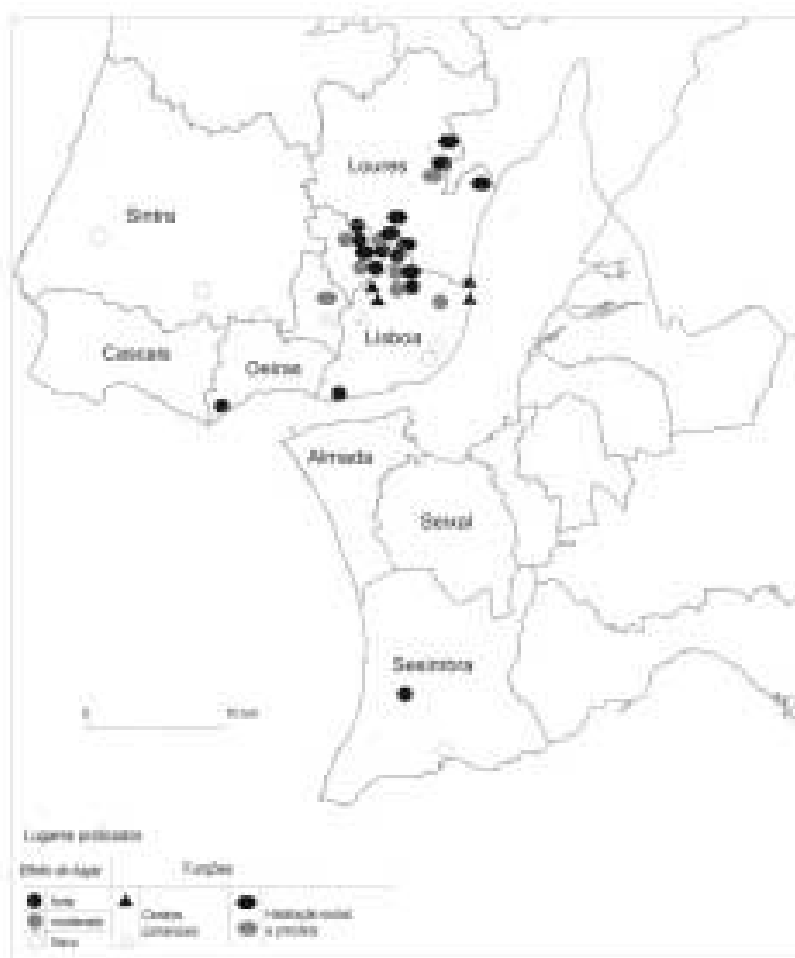


Fig. 2 – Lugares praticados segundo a tipologia de representações de violência urbana.
 Fig. 2 – Places of practices according to the urban violence's representations typology.

os lugares mencionados, apenas um não decorre de uma escolha voluntária, sendo fruto de contingências associadas ao local de residência da família próxima.

Os resultados apresentados poder-nos-iam conduzir à conclusão de que a maior importância dada à violência urbana (associada a grupos de jovens de diferentes bairros) decorre da menor mobilidade dos sujeitos. Contudo, uma análise cuidada da informação constante na figura 2, permite colocar outras hipóteses explicativas.

Os jovens inscritos na categoria de forte efeito de lugar descrevem basicamente o seu *espaço de vida* entre a sua área de residência (no caso inscritas em Santo Adrião, Olival de Basto e Quinta da Várzea), os lugares conotados como áreas de ocorrência de violência urbana que associam a bairros de habitação social e de habitação degradada (raramente frequentados), e dois grandes espaços comerciais da cidade de Lisboa (Colombo e Vasco da Gama). A limitação urbana do *espaço de vida* deste grupo poderá estar na base da forte importância que estes atribuem ao fenómeno da violência urbana mas não a explica totalmente. Reforçando esta hipótese, merece destaque o facto de este grupo inscrever a sua própria área de residência na rede de lugares associados ao fenómeno da violência urbana quando os factos apresentados para sustentar esta ins-

crição são ambíguos. Esta inclusão poderá no entanto significar a intenção de aumentar o seu próprio protagonismo, por via do aumento da visibilidade do “seu bairro” naquele quadro. Tratar-se-ia neste caso de uma estratégia de reconhecimento tanto mais forte quanto os indivíduos se sentem numa posição de insegurança, inferioridade, exclusão ou marginalidade, como defende Lipiansky (1990). No entanto, esta estratégia de visibilidade e reconhecimento, por via do espaço, pode ainda representar uma intenção de dissociarem o “eu” face a um “nós” protagonista do conflito. É difícil no actual estágio da investigação perceber qual destas estratégias é mobilizada.

No caso dos jovens que revelam uma moderada relação com o fenómeno da violência, o facto de frequentarem regularmente áreas residenciais conotadas, pelos próprios ou pelos outros, como de “risco” poderá significar que a difusão das representações ligadas ao fenómeno do efeito de lugar se faz, fundamentalmente, por via das redes de relações emocionais. Neste caso, e atendendo ao modo como os jovens se posicionam face ao fenómeno, podem-se identificar duas estratégias identitárias diferenciadas. Por um lado aqueles que revelam alguma tensão pelo facto de poderem ser identificados com os habitantes do bairro praticado. O caso da *Afrodite* (ver excerto do discurso atrás apresentado) serve de exemplo desta estratégia. Por outro lado, aqueles que, como *Richardson*, tendem a adoptar “por empréstimo” (Wacquant, 1993) a identidade dos residentes dos bairros que visitam regularmente. A apresentação de argumentos que revelam a mobilização de estratégias de contestação face à identidade que é imputada a estas áreas e populações poderá significar uma intenção de afirmar a sua cumplicidade com uma forma de “resistência localizada” (Frémont *et al*, 1984: 179). Esta intenção ultrapassa assim a ênfase da singularidade de um lugar, revelando um posicionamento face à estrutura social. Em ambos os casos verifica-se o reconhecimento de um estigma, ligado ao ostracismo e desprezo de que são alvo estes bairros (Queiroz e Grós, 2002) e a inscrição destas áreas no *espaço de vida* destes jovens é experienciada em tensão.

Concluindo, estes resultados permitem colocar a hipótese de que a associação da experiência urbana ao fenómeno da violência urbana está relacionada com a configuração dos *espaços de vida* dos jovens. Por outro lado, a forma imprecisa como os jovens definem esta violência e o facto de não estarem envolvidos nos conflitos que referem permite equacionar a possibilidade de um empolamento da questão da violência urbana, associado à eficácia deste elemento identitário na mobilização de estratégias de reconhecimento e projecção do “eu” por via do aumento da visibilidade do seu “bairro”. Para reforçar esta hipótese lembre-se o facto de os jovens que dão maior importância à violência urbana inscreverem a sua própria área de residência na rede de lugares associados a este fenómeno, sem contudo apresentarem factos que legitimem esta inscrição.

Embora não tenha sido mencionado por nenhum dos jovens entrevistados, eventualmente pela sua existência mais recente, uma pesquisa realizada *on line* permitiu referenciar no *photoblog kanuka*, diversas fotografias (e comentários

às mesmas) de jovens que se ligam a Santo Adrião. Aqui eles apresentam-se individualmente ou em grupo recorrendo a diversos elementos simbólicos que os identificam com *gangs* (os bonés de pala, as fitas, as poses e a designação do grupo). Não foi possível verificar se a impressão que os jovens parecem querer transmitir com esta apresentação se inscreve numa identidade real, em produção ou totalmente irreal, relativamente às práticas efectivamente exercidas. No entanto, a mensagem expressa na figura 3, poderá ser interpretada como um sinal de desafio entre jovens e ou grupos.



Fig. 3 – Fotografia extraída do *photoblog Kanuka*, Janeiro 2006.

Fig. 3 – Photograph from the photoblog *kanuka* as visited in January 2006.

FONTE: www.kanuka.br

Outro aspecto marcante na imagem deste grupo é a esmagadora superioridade numérica dos jovens de raça negra, o que corrobora factos e percepções mencionados tanto pelo jovens como pela autoridade de segurança entrevistada.

Nas práticas associadas aos lugares de consumo, a questão do efeito de lugar também está presente de modo particularmente revelador. De facto, estes espaços, de que é exemplo a área dos “bares” do centro comercial Vasco da Gama, “sítio altamente problemático” no discurso de um dos jovens, esporadicamente são palco de conflitos que envolvem grupos de diferentes bairros. Como referem Kokoreff et Steinauer (2001), nestes espaços os jovens reconhecem-se e procedem a estratégias de agrupamento ou de distanciamento, de acordo com as práticas que exercem ou pretendem exercer. Por vezes o reconhecimento do “outro” é o suficiente para desencadear o conflito.

Paralelamente, são raras as referências a consumos culturais ou à permanência em espaços públicos da cidade ou da periferia. De facto, em apenas dois casos estes são mencionados enquanto lugares praticados. Num deles a deslo-

cação e o seu registo são assumidos como intencionais (e assim reveladores de uma *impressão*, no sentido dado por Goffman), enquanto noutro caso, não tendo sido registado, a referência ao espaço público em causa é conotada como extremamente esporádica.

V. NOTAS CONCLUSIVAS

Os resultados do estudo realizado a partir da inquirição dos jovens de Santo Adrião relativamente à sua experiência urbana permitem destacar o seguinte:

1. O espaço é uma componente essencial da construção identitária. Os jovens recorrem a lugares simbólicos cuja apropriação os auto-projecta para outra(s) identidade(s), manifestando deste modo uma consciência da sua própria identidade e da identidade associadas à prática de lugares concretos. Na relação dialectical que liga a identidade dos sujeitos à identidade dos lugares interferem, por um lado, a experiência urbana (as práticas, as representações e as estratégias identitárias) e, por outro, os elementos socioespaciais e simbólicos específicos que dão singularidade aos lugares e que permitem falar de efeito de lugar. O espaço é assim mobilizado para realizar inscrições e demarcações do “eu” face ao “outro” indivíduo ou grupo, a partir do recurso a estratégias de identificação, demarcação, contestação ou invisibilidade face a determinados lugares.

2. A fraca mobilidade e as configurações e características dos *espaços de vida* dos jovens de Santo Adrião revelam que a sua experiência urbana não é livre. É desde logo condicionada pela materialidade da rede de lugares, que se relaciona com a própria estrutura urbana (meios de deslocação disponíveis, padrão de implantação das actividades e equipamentos...). Por outro lado, o facto de nenhum destes jovens residir em áreas de habitação social e/ou degradada, e de os lugares por eles usualmente praticados corresponderem a áreas pouco diferenciadas do ponto de vista socioeconómico e urbanístico, poderão ser indicadores da existência de uma segregação (das sociabilidades) que ultrapassa os limites das áreas estigmatizadas. Neste sentido, a configuração da experiência urbana constitui um indicador da existência de uma segmentação socioespacial da vida urbana.

3. A proeminência da violência urbana no discurso dos jovens relaciona-se com a sua crescente mediatização, mas também com novas formas de exibição dos grupos nela envolvidos ou pretensamente envolvidos, designadamente a *internet*. No entanto, o facto de a prática de actos de incivilidade ou violência tenderem a abranger jovens cada vez mais novos poderá igualmente contribuir para explicar este destaque, na medida em que estes jovens se cruzam no seu quotidiano com o risco real ou potencial que atribuem a outros jovens. Paralelamente, a forte confinamento do seu *espaço de vida*, acompanhada pela fraca diversidade de práticas culturais, permite colocar a hipótese de que o recurso à violência urbana, como elemento identitário, se relaciona com uma

anomia cultural no que se refere às raízes socioespaciais, anomia esta que os leva a evocarem recursos simbólicos disponíveis e de quase garantida aceitação, sustentados na percepção do agenciamento de grupos específicos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a colaboração do Conselho Executivo da Escola Secundária Pedro Alexandrino (Odivelas), da professora Rosário Ferreira e da Comandante da Divisão da PSP de Loures, Florbela Carrilho, e Comissário Samuel Fernandes da Esquadra de Odivelas pela sua disponibilidade e valiosa colaboração neste estudo.

BIBLIOGRAFIA

- Bagur J-P (1997) La violence: essai de définition. *Réussir* n.º 36, Editions Les Francas, Nov.1997.
- Barata Salgueiro T *et al.* (1997) *Internacionalização, reestruturação económica e produção de novas marginalidades na região de Lisboa*. DGOTDU/JNICT, Lisboa.
- Barata Salgueiro T (2000) Fragmentação e exclusão nas metrópoles. *Sociedade e Território*, 30: 16-24.
- Barata Salgueiro T (2001) *Lisboa: Periferia e Centralidade*. Celta Editora, Oeiras.
- Capucha L M (2000) Território da pobreza, onde é preciso voltar. *Sociedade e Território*, 30: 8-15.
- Ferreira E (2003) Violência e insegurança urbana: um fenómeno em crescimento ou em transformação? O caso da Área Metropolitana de Lisboa. *Cidades, Comunidade e Territórios*, n.º 7, CET, ISCTE, Lisboa.
- Fremont A *et al.* (1984) *Géographie sociale*. Masson, Paris.
- Goffman E (1993 [1959]) *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Relógio d'Água, Lisboa.
- Harvey D (1973) *Social justice and the city*. Johns Hopking Un. Press, Baltimore, Mary Land.
- Kokoreff M, Steinauer O (2001) Espace public et jeunes a Euralille. *Villes en parallèle*, 32-33-34: 207-217.
- Krueger R *et al* (2000) *Focus group: a practical guide for applied research*, Sage, N-Y, London.
- Lebailly P (2004) *La violence des jeunes, comprendre et prévenir*. ASH Editions.
- Lipiansky E-M *et al.* (1990) Identité subjective et interaction. In Camilleri C *et al.* (ed.) *Stratégies Identitaires*. PUF, Paris: 173-211.
- Lussault M (2003) Entrée "Spatialité". In Levy J, Lussault M (dir.) *Dictionnaire de la Géographie*. Belin, Paris.
- Lussault M (1988) *Les temps des tribus*. Méridiens, Paris.
- Malekoff A (1997) *Group work with adolescents: principles and practices*. The Guilford Press, NewYork.

- Malheiros J (2002) Ethni-cities: residential patterns in northern european and mediterranean metropolises – implications for policy design. *International Journal of Population Geography*, 8: 107-134.
- Pais J M (2004) Jovens, bandas musicais e revivalismos tribais. In Pais J M (dir.) *Tribos Urbanas, Produção Artística e Identidades*. Imprensa de Ciências Sociais, ICS, Lisboa.
- Pato e Silva I (2006) L'image comme support d'analyse des processus de construction identitaire des jeunes de la périphérie de Lisbonne. In *Actes de l'école d'été de géographie sociale*, Septembre 2005, Montpellier (no prelo).
- Soja E (1989) *Geografias Pósmodernas, a reabilitação do espaço na teoria social crítica*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.
- Soja E (2000) *Postmetropolis, critical studies of cities and regions*. Blackwell, Oxford.
- Queiroz M C, Grós M C (2002) *Ser jovem num bairro de habitação social*. Campo de Letras, Porto
- Wacquant L (1993) Urban outcast: stigma and division in the black american ghetto and the french urban periphery. *International Journal of Urban and Regional Research*, 17(3): 366-383.